

RECENSÃO CRÍTICA DO LIVRO “BEYOND GUILT TRIPS: MINDFUL TRAVEL IN AN UNEQUAL WORLD” À LUZ DA FILOSOFIA, DE ANU TARANATH (2019)

105

Critical review of the book “Beyond Guilt Trips: Mindful Travel in an Unequal World” à Luz da Filosofia, de Anu Taranath (2019)

Vera Matias¹

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

¹ Estudante

Resumo

O livro *Beyond Guilt Trips: Mindful Travel in an Unequal World*, de Anu Taranath, propõe-se a transformar o desconforto e a culpa do privilégio ocidental em ferramentas para uma reflexão ética e empática sobre o turismo. Ao explorar como desigualdades históricas e estruturais moldam as experiências de viagem, a autora convida os leitores a questionarem as suas próprias narrativas e a confrontarem os legados de colonialismo e privilégio que permeiam o setor. Esta recensão crítica analisa a obra à luz de conceitos filosóficos de Hume, Descartes, Kant e Aristóteles, relacionando os desafios éticos apresentados por Taranath às ideias de empatia, reflexão crítica, respeito mútuo e virtude. Ao incorporar histórias reais e exemplos concretos, como os de viajantes que enfrentam preconceitos culturais ou descobrem novos significados de pertença, o livro ilustra como a empatia, a reflexão crítica e o respeito mútuo podem reconfigurar narrativas pessoais e coletivas. Taranath demonstra como o turismo responsável pode transcender a superficialidade do lazer, tornando-se uma prática transformadora que promove a dignidade humana e a solidariedade cultural. Combinando a análise da obra com uma perspetiva filosófica, este texto destaca como o turismo pode ser repensado como uma ferramenta de transformação ética, tanto para os viajantes quanto para as comunidades visitadas.

106

Palavras-chave

Turismo responsável, Ética no turismo, Empatia, Desigualdade, Filosofia aplicada

Abstract

The book Beyond Guilt Trips: Mindful Travel in an Unequal World by Anu Taranath seeks to transform the discomfort and guilt of Western privilege into tools for ethical and empathetic reflection on tourism. By exploring how historical and structural inequalities shape travel experiences, the author invites readers to question their own narratives and confront the legacies of colonialism and privilege that permeate the sector. This critical review analyzes the book through the lens of philosophical concepts by Hume, Descartes, Kant, and Aristotle, connecting the ethical challenges presented by Taranath to ideas of empathy, critical reflection, mutual respect, and virtue. By incorporating real stories and concrete examples, such as those of travelers facing cultural prejudices or discovering new meanings of belonging, the book illustrates how empathy, critical reflection, and mutual respect can reconfigure personal and collective narratives. Taranath demonstrates how responsible tourism can transcend the superficiality of leisure, becoming a transformative practice that promotes human dignity and cultural solidarity. Combining an analysis of the book with a philosophical perspective, this text highlights how tourism can be reimaged as a tool for ethical transformation, both for travelers and for the communities they visit.

Keywords

Responsible tourism, Ethics in tourism, Empathy, Inequality, Applied philosophy

1. Introdução

O turismo responsável tem-se destacado como um tema central nos debates sobre ética e sustentabilidade no setor de viagens. Neste contexto, Anu Taranath desafia as convenções do turismo tradicional ao lançar luz sobre o impacto das viagens no Sul Global, destacando como a experiência do viajante ocidental é moldada por desigualdades históricas e estruturais.

108

Inspirada pela frase de Toni Morrison "Se existe um livro que você quer ler, mas ele ainda não foi escrito, então você deve escrevê-lo", Taranath concebeu *Beyond Guilt Trips: Mindful Travel in an Unequal World* como uma ferramenta para transformar experiências de desconforto e culpa em explorações produtivas sobre identidade, privilégio e relações humanas.

A obra reflete a crença da autora de que a aprendizagem significativa não deve ser baseada na vergonha ou no isolamento, mas sim em diálogos que desafiam os leitores a questionar as suas próprias experiências e o seu lugar no mundo. Citando James Baldwin, Taranath destaca que a literatura tem o poder de mudar a forma como as pessoas veem a realidade, promovendo reflexões que, mesmo em pequenas doses, podem transformar perspectivas e atitudes. Este compromisso com a justiça e a empatia atravessa toda a narrativa do livro.

Embora a obra não explore diretamente conceitos filosóficos, esta análise crítica propõe usar as ideias de pensadores como Hume, Kant, Aristóteles e Descartes como lentes para enriquecer o debate. Esta abordagem visa relacionar as reflexões de Taranath a conceitos éticos universais, oferecendo novas perspectivas sobre o turismo como uma prática ética e transformadora.

Adaptar estas filosofias à leitura do livro permite articular melhor como os desafios apresentados, desde as desigualdades até a reflexão crítica, podem dialogar com conceitos como virtude, empatia e dignidade.

O livro também aborda como as desigualdades refletem legados de colonialismo, opressão e privilégio, muitas vezes invisíveis para aqueles que viajam. Como a autora ressalta, "*As malas são fáceis de desfazer. As jornadas levam mais tempo*" (p. 229), sugerindo que o verdadeiro impacto das viagens está na reflexão contínua sobre estas dinâmicas.

A obra exige que o turista reconheça estas realidades e reflita sobre como as suas ações podem perpetuar ou desafiar tais desigualdades. Taranath demonstra estas conexões através de histórias reais, como o caso de Senait, que enfrenta identidades fragmentadas no Gana ao ser vista como "americana" e não "africana", ou o de Niya, que, na República Dominicana, lida com o racismo e exclusão devido ao seu cabelo natural. Estas histórias ilustram como a dignidade, o respeito mútuo e a reflexão crítica podem transformar a forma como interagimos com culturas diferentes da nossa.

Nesta recensão crítica, propõe-se não apenas analisar a contribuição da obra de Taranath para o campo do turismo responsável, mas também explorar como os conceitos filosóficos podem ser aplicados para transformar viagens em experiências éticas e

reflexivas. O público-alvo da recensão inclui académicos, profissionais do turismo e todos os interessados em promover práticas mais éticas neste setor.

Neste sentido, a obra de Taranath diferencia-se pela sua originalidade, ao combinar uma análise profunda das desigualdades históricas com um convite à ação reflexiva e transformadora. Torna-se, assim, indispensável para os debates sobre turismo ético e responsável.

Para facilitar a compreensão dos desafios enfrentados por estudantes e viajantes em contextos culturais diversos, inclui-se uma tabela detalhada no final do artigo (*Anexo A*), que organiza estas questões de maneira clara e objetiva.

109

2. Abordagem Metodológica

A metodologia desta análise crítica foi delineada com base em várias etapas complementares que visaram aprofundar o entendimento da obra *Beyond Guilt Trips: Mindful Travel in an Unequal World*, de Anu Taranath, e contextualizar as suas ideias num quadro ético e filosófico mais amplo.

Inicialmente, foi realizada uma leitura atenta e detalhada da obra, com a extração de notas sobre os conceitos-chave e as reflexões propostas pela autora. Este processo incluiu a análise do conceito de *holding space*, uma abordagem central na narrativa, que incentiva a autorreflexão ética e empática por parte do leitor. A partir dessa leitura, foi elaborado um quadro sistematizado que organiza algumas das histórias reais apresentadas no livro, evidenciando os desafios culturais e identitários enfrentados por viajantes em contextos diversos. Este quadro, incluído no Anexo A, serve como um recurso visual para compreender a diversidade de experiências e problemáticas analisadas.

Adicionalmente, foi adotada uma abordagem interdisciplinar, relacionando as reflexões do livro com os conceitos filosóficos de Hume, Descartes, Kant e Aristóteles. Esta articulação teórico-filosófica permitiu explorar as ideias de empatia, reflexão crítica, respeito mútuo e virtude como fundamentos éticos para o turismo responsável, ampliando o impacto das questões levantadas por Taranath.

Por fim, as análises foram contextualizadas com base em exemplos práticos e experiências reais, destacando o potencial transformador do turismo responsável. Esta metodologia procurou não apenas interpretar a obra, mas também provocar uma reflexão crítica no leitor, incentivando-o a questionar as suas próprias práticas e perspetivas enquanto viajante e participante no setor do turismo.

As análises que se seguem articulam os conceitos filosóficos de Hume, Descartes, Kant e Aristóteles com as reflexões propostas por Anu Taranath, aprofundando o debate sobre as dinâmicas éticas e culturais no turismo responsável.

2.1 Turismo Responsável e Hume: Sentimento e Empatia como Caminho para a Justiça

"Stand Up to Guilt: Don't Recline".

David Hume coloca a empatia no centro da ética, e Taranath dá vida a essa ideia ao descrever como o desconforto sentido por viajantes ao testemunhar desigualdades pode ser transformado em crescimento ético, como descrito no livro é comparado a "um desconforto incômodo que nos faz crescer" (p. 174). Para Taranath, estes momentos de desconforto não são apenas incômodos, mas oportunidades transformadoras para despertar empatia e reavaliar privilégios. Como a autora afirma, "não basta reconhecer a culpa; é preciso agir a partir desta" (p. 185).

Histórias como as de Grace e Rafael exemplificam como o turismo pode ser uma ferramenta de aprendizagem ética. Grace, ao sentir-se inicialmente como "a outra" numa pequena cidade argentina por ser asiática, usou a curiosidade cultural que enfrentou como um ponto de partida para construir conexões significativas. Este processo reflete a ideia de que a empatia pode transformar diferenças em pontes, conectando viajantes às comunidades visitadas de maneira mais humana e respeitosa.

Já Rafael encontrou na Índia um ambiente acolhedor, onde as expressões de afeto entre homens eram culturalmente aceites, desafiando normas de gênero predominantes nos Estados Unidos. Esta experiência não apenas proporcionou a Rafael um senso de pertença, mas também exemplificou como a empatia pode surgir em contextos inesperados, revelando novas formas de conexão emocional.

Para Hume, estes momentos de reconhecimento mútuo são fundamentais para transformar emoções em ações éticas. No turismo, isso significa ir além de interações superficiais e procurar um envolvimento genuíno e moralmente responsável com as comunidades locais. Hume, ao enfatizar a empatia como um componente central da ética, lembra-nos que o turismo também deve envolver emocionalmente o viajante com as comunidades e o meio ambiente. Quando os viajantes desenvolvem um senso de empatia pelos desafios ambientais e sociais enfrentados pelos destinos que visitam, eles estão mais propensos a adotar práticas de turismo sustentável.

A proposta de Taranath, de transformar o desconforto inicial numa ferramenta para aprendizagem e justiça, ecoa o princípio ético de Hume, mas levanta questões sobre como essa transformação pode ser promovida em práticas de turismo estruturais e organizacionais. Ao abraçar a humanidade compartilhada, mesmo em realidades culturalmente diferentes, os viajantes têm o poder de criar conexões significativas que ultrapassam barreiras culturais e estruturais.

Esta empatia pode ser cultivada por meio de experiências que destacam os impactos das mudanças climáticas, a importância da conservação de recursos e as histórias das comunidades que dependem diretamente do ambiente para a sua subsistência. Por meio deste reconhecimento mútuo, o turismo sustentável torna-se não apenas uma escolha ética, mas também um ato de solidariedade com os outros e com o planeta.

Programas como o *Community-Based Tourism*, no Quénia, incentivam os viajantes a participar em atividades lideradas por comunidades locais, como visitas a aldeias Maasai, onde aprendem sobre tradições e desafios atuais, criando um espaço para diálogo e empatia. Estes programas oferecem aos viajantes a oportunidade de viver experiências

imersivas que respeitam as culturas locais, enquanto as comunidades beneficiam diretamente das atividades.

Práticas como estas transformam momentos de desconforto em oportunidades de aprendizagem ética e reforçam o crescimento mútuo, demonstrando que a empatia e o respeito são elementos cruciais para um turismo responsável e transformador.

Holding space: como é que o desconforto e a empatia, defendidos por Hume, podem abrir caminho para a reflexão crítica sobre as narrativas culturais e os privilégios que moldam a experiência turística, uma perspetiva aprofundada por Descartes?

111

2.2 Descartes e a Reflexão Crítica: Questionando narrativas e Privilégiros

“Que histórias estamos realmente a consumir ao viajar?”

Em *Beyond Guilt Trips*, Taranath convida os leitores a refletirem: "Que histórias estamos realmente a consumir ao viajar?" (p. 210). Esta indagação ecoa o método cartesiano, que propõe a desconstrução de suposições para alcançar uma compreensão mais profunda da realidade. Assim como René Descartes desafiava certezas para reconstruir o conhecimento, Taranath desafia os viajantes a questionarem as narrativas culturais e comerciais que moldam as suas experiências e expectativas de viagem.

Esta abordagem reflexiva é essencial no contexto do turismo responsável, pois permite ao viajante identificar como os seus próprios privilégiros e perspetivas culturais afetam as suas interações. As experiências de Niya e Amina exemplificam como a dúvida e as interrogações podem levar ao autoconhecimento e à empatia. Niya, na República Dominicana, foi confrontada com algum preconceito, percebendo como a valorização de tons de pele mais claros permeava tanto as interações sociais quanto a publicidade a cremes clareadores. Este confronto forçou-a a repensar as suas ideias sobre beleza e identidade, desafiando preconceitos internalizados.

Amina, por sua vez, encontrou solidariedade inesperada na comunidade muçulmana global, o que desconstruiu suposições que ela possuía sobre pertença. As suas experiências no Médio Oriente em diferentes regiões destacaram a complexidade do privilégiro ocidental e as tensões entre discursos globais de igualdade e realidades locais. Ambas as histórias refletem como o método cartesiano pode ajudar os viajantes a questionarem não apenas o mundo ao seu redor, mas também as narrativas que carregam consigo.

Além disso, a reflexão crítica deve incluir as perspetivas de viajantes de contextos menos privilegiados. Para muitos, o turismo não é uma experiência de lazer, mas sim um encontro com barreiras financeiras, preconceitos em fronteiras internacionais ou estereótipos culturais. Essas narrativas são essenciais para equilibrar a visão tradicionalmente focada no "viajante ocidental" e destacar as desigualdades vivenciadas por outros.

Por exemplo, um viajante africano que visita a Europa pode enfrentar situações em que as suas motivações são questionadas, enquanto turistas ocidentais em países do Sul Global são frequentemente tratados com deferência excessiva. Este contraste ressalta a

importância de incluir múltiplas vozes no debate sobre o turismo responsável, desconstruindo não apenas as narrativas culturais dos destinos, mas também as que envolvem os próprios viajantes.

Taranath problematiza a ideia de que "voltar para casa é apenas um facto" (p. 209), sugerindo que as viagens são frequentemente moldadas por expectativas idealizadas de fuga à realidade ou exotização. Através da reflexão crítica, o turismo responsável pode transformar essas expectativas, valorizando as realidades locais e reconhecendo as dinâmicas de poder subjacentes.

112

No contexto do turismo, Descartes ensina-nos que duvidar das nossas suposições permite desconstruir ilusões e reconstruir relações mais significativas com o outro. Esta prática de autocrítica e humildade é essencial para a elevação do turismo, transformando uma atividade superficial numa experiência ética e enriquecedora, que questiona privilégios, confronta desigualdades e promove conexões mais autênticas entre culturas e indivíduos.

A UNESCO promove projetos de educação cultural para turistas antes de visitar patrimónios mundiais, fornecendo informações sobre a história e os desafios enfrentados pelas comunidades locais. Estes programas ajudam os viajantes a questionar e desconstruir narrativas simplistas ou exotizantes, incentivando um envolvimento mais respeitoso e consciente.

Iniciativas deste tipo alinham-se diretamente com a prática cartesiana de desafiar suposições e preconceitos, bem como com a proposta de Taranath de transformar o desconforto em aprendizagem ética. Tal abordagem permite que os viajantes desenvolvam uma consciência crítica e se envolvam com realidades complexas de maneira mais ética e reflexiva, substituindo ilusões ou estereótipos por uma compreensão mais profunda e inclusiva das culturas locais.

Holding space: ao questionar narrativas e privilégios, como Descartes propõe, como podemos repensar as dinâmicas entre viajantes e comunidades através de uma ética fundamentada no respeito mútuo, como sugere Kant?

2.3 Kant e a Ética do Respeito Mútuo: Pequenos Gestos, Grandes Impactos

"Go Small and Find Joy"

Immanuel Kant, com a sua ética fundamentada no imperativo categórico, lembra-nos de tratar a humanidade sempre como um fim em si mesma, nunca como um meio. Essa ideia de respeito intrínseco à dignidade humana permeia *Beyond Guilt Trips*, onde Taranath destaca o potencial do turismo em promover conexões genuínas e autênticas quando guiado pela aprendizagem e respeito mútuo. A escritora descreve programas turísticos em que os visitantes "dedicam-se a ouvir histórias e necessidades locais" (p. 231), um exemplo claro de como o turismo pode ser transformado numa prática ética, uma manifestação clara do respeito à dignidade intrínseca das comunidades visitadas.

A crítica ao *volunturismo* é central para compreender a aplicação prática da ética kantiana no turismo. Taranath ressalta que, muitas vezes, este tipo de turismo reduz

comunidades vulneráveis a objetos de caridade ou entretenimento, em vez de tratá-las como parceiros iguais. Embora bem-intencionado, o *volunturismo* frequentemente perpetua dinâmicas de poder desiguais, utilizando as comunidades como meios para o turista alcançar satisfação moral. Esta abordagem contradiz a ética de Kant, que exige respeito pela autonomia e dignidade de todos os indivíduos.

Por outro lado, exemplos como o de Rafael mostram como o turismo pode transcender essas armadilhas quando guiado pelo respeito mútuo. Na Índia, Rafael encontrou um espaço cultural que celebra a diversidade e a afetividade, desafiando normas ocidentais de masculinidade e expressões emocionais. Em vez de instrumentalizar a sua experiência para crescimento pessoal, Rafael reconheceu a riqueza cultural local como um fim em si mesmo, criando uma interação baseada no respeito e na aprendizagem mútua.

Além dos viajantes, as empresas e agências de turismo desempenham um papel crucial no avanço de práticas responsáveis. Ao desenvolver itinerários e experiências, estas entidades têm a responsabilidade de equilibrar os interesses comerciais com o respeito pelas comunidades locais e o meio ambiente.

Agências de turismo sustentável, como a *Intrepid Travel*, adotam políticas que priorizam a contratação de guias locais, promovem negócios comunitários e evitam práticas prejudiciais, como a exploração animal em atividades turísticas. Estas práticas não apenas geram impactos positivos nas comunidades visitadas, mas também refletem uma abordagem ética que respeita o imperativo kantiano de tratar todas as partes envolvidas como fins em si mesmas. A ética kantiana, fundamentada no imperativo categórico, não se limita às relações entre os seres humanos. O princípio de tratar todos como fins em si mesmos pode ser ampliado para incluir as futuras gerações e os ecossistemas que sustentam a vida. No contexto do turismo responsável, isso significa que a preservação ambiental não é apenas uma escolha ética, mas uma obrigação moral.

Taranath também enfatiza que o respeito mútuo vai além de evitar a exploração. Este exige do viajante e das empresas de turismo a disposição de questionar preconceitos e de se envolver com as comunidades de maneira humilde e aberta.

Este equilíbrio entre ética e lucro não é apenas uma questão de responsabilidade, mas também de reputação e competitividade no mercado. Com a crescente consciencialização dos consumidores sobre questões ambientais e sociais, as empresas que priorizam práticas responsáveis encontram maior aceitação e fidelidade por parte dos viajantes. Isso demonstra como valores éticos podem ser integrados às estratégias comerciais, criando benefícios tanto para as empresas quanto para as comunidades locais. Ao alinhar as suas operações a princípios éticos, as empresas podem tornar-se agentes transformadores no turismo, promovendo interações justas e sustentáveis e reforçando a ideia de que o respeito mútuo não deve ser apenas um ideal, mas uma prática quotidiana em todas as dimensões do setor turístico.

O *Ethical Travel Guide*, produzido pela organização *Tourism Concern*, oferece orientações práticas para viajantes sobre como evitar práticas exploratórias, promovendo interações baseadas no respeito mútuo. Este guia ajuda os turistas a identificar programas e destinos que priorizam as comunidades locais como parceiras iguais, ao invés de tratá-

las como objetos de consumo. Por exemplo, recomendações de viagens responsáveis em países como Nepal ou Indonésia enfatizam colaborações com empresas comunitárias que reinvestem os lucros em educação e saúde locais.

Aplicar a ética de Kant ao turismo é um convite para reinventar as viagens, onde cada encontro se torna uma oportunidade de reconhecer a nossa humanidade compartilhada e tecer novas narrativas no tecido da existência. Esse ideal encontra eco na proposta de Taranath, que transforma o respeito mútuo numa prática quotidiana ao desafiar viajantes a escutarem, refletirem e agirem de forma consciente. Assim, o turismo deixa de ser um ato superficial para se tornar uma oportunidade de construir pontes de empatia e conexão genuína. Por meio dessa lente kantiana e do compromisso ético sugerido por Taranath, as viagens tornam-se não apenas um ato de respeito pela humanidade compartilhada, mas também uma ferramenta de transformação pessoal e coletiva, tanto para os viajantes quanto para as comunidades visitadas.

Holding space: como o respeito mútuo de Kant pode ser complementado pela virtude aristotélica, ajudando-nos a alcançar um equilíbrio ético entre exploração, responsabilidade e bem-estar coletivo?

2.4 Aristóteles e a Virtude no Turismo: Alegria e Crescimento pelo Equilíbrio Ético.

"Find the Joy: A Critical and Compassionate Lens"

Em *Beyond Guilt Trips*, Anu Taranath apresenta o turismo responsável como uma prática que exige equilíbrio, um ponto central na filosofia de Aristóteles.

Para Taranath, o ato de viajar deve ser tanto um momento de descoberta quanto uma oportunidade de responsabilidade ética, evitando extremos como o consumismo desenfreado ou a culpa paralisante. Esta visão ressoa com a ideia aristotélica de que a virtude está no meio termo, um espaço de moderação que requer discernimento e sabedoria prática.

Taranath exemplifica esta abordagem ao destacar iniciativas de turismo comunitário, como workshops com artesãos locais ou visitas a cooperativas sustentáveis. Estas práticas oferecem oportunidades para que os viajantes se relacionem com as comunidades de forma respeitosa e reflexiva. Mais do que interações superficiais, estas incentivam a aprendizagem mútua, enquanto desafiam os viajantes a confrontarem o seu próprio privilégio e a cultivarem o desconforto como uma ferramenta de crescimento. Como Taranath descreve, estas "zonas de desconforto" (p. 245), quando enfrentadas com humildade, podem ser catalisadoras para o crescimento ético e emocional – um processo que reflete a visão de Aristóteles de que a virtude é desenvolvida através do esforço deliberado e contínuo.

Além disso, Aristóteles afirma que a virtude está intrinsecamente relacionada com o bem-estar da comunidade. Num contexto de turismo responsável, isso significa que as ações do viajante devem beneficiar as comunidades visitadas, em vez de explorá-las ou reduzir as suas culturas a produtos de consumo. Taranath reforça essa ideia ao sugerir que, ao "notar as nossas vantagens e contextualizar o passado", podemos "dar sentido ao

presente" (p. 257). Este processo reflexivo, um exercício de moderação e reflexão que reflete o pensamento aristotélico, encoraja o viajante a considerar o impacto das suas escolhas, reconhecendo que o turismo pode tanto fortalecer quanto enfraquecer o tecido social das comunidades.

Iniciativas como o *Slow Food Travel*, em Itália, encorajam os turistas a explorar as tradições culinárias locais de maneira sustentável, participando em workshops com produtores locais e promovendo a economia circular. Estas experiências equilibram a satisfação pessoal com o benefício coletivo, ao conectar os viajantes às comunidades rurais e incentivar o respeito pelos processos culturais e ecológicos que sustentam essas tradições. Além da virtude como equilíbrio entre extremos, Aristóteles também nos ensina que a procura pela excelência deve beneficiar não apenas o indivíduo, mas também a comunidade.

No contexto do turismo, isto significa que práticas sustentáveis e solidárias devem estar no centro das experiências de viagem. Por exemplo, programas de ecoturismo que promovem a preservação ambiental, como reservas sustentáveis na Costa Rica, alinharam-se ao pensamento aristotélico ao cultivar a virtude da responsabilidade coletiva e o respeito pela interdependência entre humanos e a natureza. Estas iniciativas refletem como a virtude prática pode ser traduzida em ações concretas, promovendo tanto o bem-estar das comunidades locais quanto a preservação dos recursos naturais. O turismo, neste sentido, torna-se uma ferramenta poderosa para fortalecer o tecido social e ecológico global, incentivando práticas éticas que vão além do benefício imediato do viajante.

Por fim, Aristóteles lembra-nos que a virtude é construída através do hábito. No turismo, isso implica que as práticas responsáveis não devem ser ações pontuais, mas um compromisso contínuo. Cada viagem é uma oportunidade para exercitar a virtude, aprendendo com erros passados e ajustando comportamentos para que futuras interações sejam mais conscientes e respeitosas.

Sob as lentes de Taranath, esta ideia expande-se, pois, o turismo deixa de ser apenas lazer e passa a ser uma prática que molda o caráter do viajante, enquanto contribui para o bem-estar coletivo. Ao equilibrar curiosidade com responsabilidade, o viajante não apenas cultiva a sua própria virtude, mas também transforma o turismo numa ferramenta para o crescimento mútuo e a afinidade genuína.

Holding space: ao explorar a empatia de Hume, o questionamento de Descartes, o respeito mútuo de Kant e a virtude de Aristóteles, somos desafiados a refletir: como podemos integrar estes princípios éticos nas nossas próprias práticas de viagem, criando experiências que promovam dignidade, conexão e transformação coletiva?

Estas reflexões filosóficas formam a base para compreender como o turismo pode ser uma prática transformadora, uma ideia aprofundada na perspectiva crítica e consolidada nas considerações finais.

3. Perspetiva Crítica: Potenciais Expansões e Reflexões

Beyond Guilt Trips é uma obra marcante, capaz de provocar reflexões profundas sobre turismo responsável, ética e a transformação pessoal. No entanto, como toda obra que convida a diálogos críticos, há oportunidades para enriquecer ainda mais o impacto das suas ideias.

Uma das possibilidades seria ampliar os exemplos práticos de como viajantes e profissionais podem transformar as reflexões éticas em ações concretas. Embora o livro ofereça histórias cativantes e pessoais, incorporar iniciativas mais amplas, como políticas públicas ou programas comunitários que se alinhem aos valores defendidos, poderia fortalecer a aplicabilidade das suas ideias. Esta expansão dialoga diretamente com a proposta de Taranath, que incentiva os leitores a agirem a partir do desconforto ético para gerar mudanças concretas.

Além disso, embora o foco no "viajante ocidental" traga insights cruciais sobre privilégio e responsabilidade, a inclusão de perspetivas de viajantes do Sul Global ou de grupos com menos recursos poderia tornar a discussão ainda mais inclusiva. Taranath, com a sua abordagem empática e reflexiva, já aponta para a necessidade de reconhecer dinâmicas de poder e desigualdades históricas, e ampliar esse diálogo para diferentes contextos culturais e económicos poderia reforçar ainda mais o caráter transformador da obra.

Outra área de potencial desenvolvimento é o papel das empresas e agências de turismo na promoção de práticas responsáveis. A inclusão de reflexões sobre como equilibrar dinâmicas éticas e comerciais, como sugerido por Kant no seu imperativo categórico, poderia enriquecer o debate. Ao destacar exemplos de empresas que priorizam valores éticos enquanto geram impacto positivo nas comunidades, seria possível inspirar uma visão mais coletiva e sistémica do turismo responsável.

Por fim, seria interessante considerar como tornar o turismo responsável mais acessível para um público mais amplo, especialmente para aqueles com menos recursos ou oportunidades de viajar. Taranath lembra-nos da importância de relacionar a emoção e razão para transformar narrativas de viagem, um princípio que se alinha à empatia humana e que poderia inspirar soluções criativas para democratizar as práticas éticas no setor.

Neste sentido, *Beyond Guilt Trips* oferece não apenas uma reflexão poderosa sobre turismo responsável, mas também um convite para diálogos contínuos e expansões que fortaleçam o impacto ético e transformador dessa prática.

4. Considerações Finais

Ao longo desta recensão, exploraram-se as dinâmicas éticas e culturais que moldam o turismo, articuladas através das lentes de Hume, Descartes, Kant e Aristóteles. *Beyond Guilt Trips* emerge, assim, como uma obra que transforma estas reflexões filosóficas num convite prático e transformador.

Beyond Guilt Trips transcende a categoria de um simples livro sobre turismo; é, na verdade, um '*holding space*', um espaço seguro e reflexivo que nos convida a habitar o desconforto gerado pela interseção entre culpa, privilégio e responsabilidade. Anu Taranath provoca-nos de forma a transformar estas emoções, muitas vezes evitadas, em catalisadores para a autotransformação ética e o crescimento coletivo.

A autora desafia a lógica binária que frequentemente permeia as nossas percepções sobre o outro, sugerindo que, ao invés de sucumbirmos à polaridade do “ou”, aprendemos a abraçar o “e” como uma lente ampliada para uma compreensão mais profunda e matizada do mundo (p. 233). Neste movimento, Taranath conduz-nos a um exame mais cuidadoso das nossas práticas de viagem, alertando para a armadilha de reduzir comunidades a destinos exóticos ou soluções simplistas para desconfortos éticos.

Neste contexto, a obra propõe que o turismo responsável não é apenas um ato de empatia momentânea, mas um compromisso contínuo com a escuta ativa, a autorreflexão e a prática do respeito mútuo. Cidades como Barcelona têm implementado políticas para regular o turismo de massas, incentivando práticas que valorizem a cultura local e minimizem o impacto ambiental. Estas políticas incluem restrições ao número de visitantes em áreas turísticas sensíveis, a promoção de rotas alternativas e a colaboração com comunidades locais para assegurar que os benefícios do turismo sejam distribuídos de forma justa.

Estas abordagens exemplificam como iniciativas públicas podem criar condições favoráveis para um turismo mais ético e sustentável, mostrando que a responsabilidade não é apenas do viajante, mas também das estruturas que moldam a experiência turística. Ao valorizar a cultura local, minimizar os impactos ambientais e assegurar o bem-estar das comunidades, estas medidas servem como modelo para transformar o turismo responsável numa norma global.

Além disso, é crucial aprofundar a reflexão sobre como o turismo se pode transformar numa ferramenta para justiça social e desenvolvimento global. A ideia de “viagem transformadora” deve ser conectada a movimentos de ação coletiva e impacto social, permitindo que o turismo transcendente a sua função individual e se torne um motor de mudanças positivas para as comunidades, promovendo solidariedade e fortalecimento de redes globais de apoio.

Taranath ensina que o ato de viajar pode ser tanto um espelho quanto uma janela, um espelho que reflete as nossas próprias complexidades éticas e privilégios, e uma janela que abre perspectivas para realidades que desafiam as nossas certezas e expandem a nossa compreensão do mundo.

Ao articular a importância de um turismo que promove a dignidade humana, a solidariedade cultural e o bem-estar coletivo, *Beyond Guilt Trips* ecoa os ensinamentos de Hume, Descartes, Kant e Aristóteles, mostrando como a filosofia pode ser aplicada às práticas do quotidiano. Assim, o livro emerge como um guia ético para um mundo cada vez mais intercomunitário, onde a viagem deixa de ser um simples movimento no espaço e se torna uma jornada transformadora pelo tecido da existência humana.

Mais do que um convite, *Beyond Guilt Trips* é um desafio: o de reinventar as nossas narrativas de viagem não como histórias de consumo, mas como experiências que tecem pontes de conexão, empatia e aprendizagem mútua. Desta forma, Taranath lembra-nos que o turismo responsável é, em última análise, um ato de coragem ética — um gesto deliberado de acolher o outro, reconhecer a nossa humanidade compartilhada e assumir a responsabilidade, não apenas como viajantes, mas como cidadãos globais comprometidos com um futuro mais justo e compassivo.

Referências

- Aristóteles. (2009). *Ética a Nicómaco*. Martin Claret. (Trabalho original publicado no século IV a.C.).
- Barcelona e Políticas de Regulação de Turismo: Barcelona City Council. (n.d.). *Barcelona tourism management strategy*. Available at <https://www.barcelona.cat>
- Community-Based Tourism no Quénia: World Tourism Organization. (n.d.). *Community based strategies in Africa*. Available at <https://www.unwto.org>
- Descartes, R. (1998). *Discourse on method and meditations on first philosophy*. Hackett Publishing Company. (Trabalho original publicado em 1637).
- Ethical Travel Guide: Tourism concern. *Ethical travel guide*. Tourism Concern Publications. Available at <https://www.tourismconcern.org.uk>
- Hume, D. (2000). *A treatise of human nature*. Oxford University Press. (Trabalho original publicado em 1739).
- Instituto Costarricense de Turismo. (n.d.). *Costa Rica takes sustainable travel to the next level*. Available at <https://pt.visitcostarica.com/blog/costa-rica-takes-sustainable-travel-next-level>
- Intrepid Travel. (n.d.). *Small group adventure tours & travel*. Available at <https://www.intrepidtravel.com/en>
- Kant, I. (1993). *Grounding for the metaphysics of morals* (3^a ed.). Hackett Publishing Company. (Trabalho original publicado em 1785).
- Taranath, A. (2019). *Beyond guilt trips: Mindful travel in an unequal world. Between the Lines*.
- UNESCO e Educação Cultural: UNESCO. (n.d.). *Guidelines for sustainable tourism in World Heritage Sites*. Paris: UNESCO Publishing. Available at <https://www.unesco.org>

Anexo

119

Tabela 1. Desafios culturais e identitários nas viagens

Estudante	País Visitado	Sentimento de Culpa ou Problemática Cultural
Senait	Gana	Identidade fragmentada; vista como estrangeira (obruni) no Gana apesar de ser negra.
Niya	República Dominicana	Excluída de um bar devido ao cabelo natural; reflexões sobre racismo e padrões de beleza.
Grace	Argentina	Destaque como asiática em cidade argentina; usa curiosidade local como ponte de conexão.
Amina	Turquia	Sentimento de pertença como muçulmana na Turquia; solidariedade com trabalhadores no Ocidente.
Rafael	Índia (Sul)	Conexão com a diversidade de tons de pele na Índia; apreciações culturais sobre o afeto entre homens.
Anu	China (Pequim)	Reflexões sobre ser percebido como estrangeiro; interação com curiosidade e respeito.

Nota: esta tabela apresenta alguns dos exemplos de Desafios Culturais e Identitários nas Viagens presentes no livro *Beyond Guilt Trips: Mindful Travel in an Unequal World*, de Anu Taranath, destacando os desafios enfrentados por estudantes em contextos diversos e como estas experiências revelaram dinâmicas culturais e identitárias.